

# Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes sobre a consciência e a sua correlação com a fenomenologia da criação artística

Amit Goswami and António Damásio: two divergent views on consciousness and its correlation with the phenomenology of artistic creation

Luís Carlos S. Branco<sup>1</sup>

## Resumo

A visão de António Damásio sobre a consciência é dimanada de uma visão positivista: os Qualia e a noção de correlatos neuronais para ele não fazem sentido. No entanto, ele distancia-se de outros académicos, que partilham de princípios fisicalistas, pela ligação nodal que estabelece entre consciência e corpo. Portanto, a sua conceção é, sobretudo, a de cognição incorporada, a de embodied consciousness. Por seu turno, próximo de uma visão idealista da ciência, o eminente físico Amit Goswami alarga a noção de consciência muito para lá do corpo. Com base nas experiências e pressupostos teóricos da Física Quântica, ele concebe a consciência como uma entidade expandida, distendendo-se para lá dos limites físicos do corpo. Inserido no campo científico da cognição Quântica, da qual ele é um dos principais arautos, propõe-nos uma definição de consciência estendida, uma out of body consciousness. Assim, analisarei aspetos relevantes de ambas as teorias, assinalando os seus contrastes e confluências, articulando-os com a fenomenologia da criação artística e com a noção da consciência como entidade mediadora.

**Palavras-chave:** António Damásio, Amit Goswami, embodied consciousness, distended out of body consciousness, fenomenologia da criação artística.

## Abstract

António Damásio's view of consciousness comes from a positivist view; therefore, the Qualia and the notion of neural correlates doesn't make sense to him sense. However, he distances himself apart from other materialistic academics, who also highlight the physicalist principles, due to the nodal connection that he establishes between consciousness and body. Therefore, his view on consciousness is mainly connected with an embodied cognition conception: an embodied consciousness. On the other hand, close to an idealistic vision of science, the eminent theoretical physicist Amit Goswami extends the notion of consciousness beyond the body. Based on the experiences and theoretical assumptions of Quantum Physics, he conceives consciousness as an expanded entity, stretching out the physical limits of the body. Inserted in the scientific field of Quantum cognition, he proposes a definition of an extended consciousness: an out of body consciousness. Likewise, I will analyze relevant aspects of both theories, identifying their contrasts and confluences, and articulating them with the phenomenology of artistic creation and with the notion of consciousness as a mediating entity.

**Keywords:** António Damásio, Amit Goswami, embodied consciousness, distended out of body consciousness, phenomenology of artistic creation.

1

Luís Carlos S. Branco é bolseiro de doutoramento em Estudos Culturais, pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), e docente no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. A sua tese de doutoramento, em preparação, intitula-se O Cinema da Consciência: David Lynch à Luz dos Estudos da Consciência de António Damásio e Amit Goswami. Fez várias comunicações e publicou diversos artigos e capítulos de livro nas suas áreas de investigação: Neurohumanidades, Estudos Fílmicos, Estudos de Música Pop-Rock e Literatura e Cultura Portuguesa e Anglófona. Como dramaturgo e poeta, representou Portugal em diversos certames literários e teatrais internacionais, e tem obra dispersa publicada.

Este artigo foi elaborado com apoio financeiro da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), através da Bolsa de Doutoramento (ref. 2022.11303.BD), com financiamento participado pelo Orçamento de Estado (fundos nacionais do MCTES) e pelo Fundo Social Europeu (FSE), e do Programa Por\_Centro (no âmbito do projeto UIDB/04188/2020).



## Introdução<sup>2</sup>

Neste artigo, pretendo contrapor duas visões divergentes acerca da Consciência Humana, salientando os seus aspetos mais diretamente ligados à fenomenologia da criação artística, e tentando aquilatar dos possíveis vasos comunicantes entre ambas, sobretudo, no que diz respeito à criação artística e cultural.

Assim, começarei por analisar o processo de emergência da Consciência, proposto pelo neurocientista António Damásio e averiguar até que ponto e em que medida esse processo é ou não eminentemente criativo e de que modo ele se perfaz.

Em seguida, procederei a análise similar em relação às proposições do físico teórico Amit Goswami sobre o Ser da Consciência e daquilo que ele denomina por Criatividade Quântica.

Para concluir, farei uma análise crítica conjunta de ambas as postulações, tentando perceber até que ponto estas duas visões antagónicas têm, na verdade, pontos complementares, sobretudo, em relação às práticas e criação artísticas.

Começarei então pela visão preconizada por António Damásio.

## Teorizações damasianas sobre a Consciência, em correlação com a criação cultural humana

### a) Homeostasia cultural: sentimentos e florescimento

António Damásio considera que não existe Razão sem Emoção. Ou melhor, é impossível a tomada de boas decisões sem a entrada das Emoções nessa equação. Esta postulação tem um suporte empírico muito forte e dificilmente contestável, pois, foi através da observação de estudos de caso que o neurocientista e a sua equipa chegaram a essa conclusão. Pacientes com lesões em áreas correlatas à parte emocional, apesar de manterem intactas todas as suas capacidades de raciocínio, foram incapazes de conseguir resolver certos problemas e as soluções apresentadas por eles demonstraram estar erradas. Portanto, a Razão precisa da Emoção e vice-versa (Cf. DAMÁSIO, 2011).

2

Este artigo contou com a supervisão e revisão científicas do Prof. David Callahan e do Prof. Carlos Fernandes da Silva, as quais muito agradeço.



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Para ele, de modo similar, a Cultura não está separada da vida, pois, inúmeros fatores biológicos estão na sua origem e desenvolvimento. Embora questões correlacionadas com a Cultura e as Artes tenham estado sempre presentes no trabalho de António Damásio, é no seu livro, de 2017, *A Estranha Ordem das Coisas: A Vida, Os Sentimentos e As Culturas Humanas*, que ele analisou mais detalhadamente esses tópicos. Ele designa por *Mente Cultural* a mente humana capaz de produzir cultura. Ou seja, podemos dizer que para ele a arte e a cultura são *Consciência* projetada.

Assim, as formas de vida unicelulares, como as bactérias, ao interagirem quimicamente com outras, prefiguram, de modo rudimentar, a *Mente Cultural*. Encontramos nelas uma noção, ainda que muito primitiva, de que existe um interior e um exterior e uma correspondente interação criadora. Neste contexto, o neurocientista perspetiva o comportamento social de alguns animais, sobretudo nos mais evoluídos, como tendo assinalável paralelismos com a cultura humana.

Para Damásio, o cerne da *Mente Cultural Humana* (*Consciência* projetada) reside na *Homeostasia*, que é um conceito fisiológico, que diz respeito aos termóstatos do corpo, mas cujo escopo ele expande, abrangendo a Cultura e os fatores de ordem social. Tal como organicamente o *Imperativo Homeostático* regula a temperatura do corpo e a tensão arterial, a nível sociocultural, ele alavanca uma incessante procura por bem estar e equilíbrio, que culmina na invenção e criação humanas e nas respetivas produções de ordem cultural.

Em termos de mera sobrevivência orgânica, a *Homeostasia*, na versão clássica, opera no *Nível Fisiológico Baixo*. A que Damásio contrapõe rege as áreas cognitivas, o *Nível Fisiológico Alto*, e está ligado ao desejo, já não pela mera sobrevivência e prevalência, mas, sim, à vontade de *Florescimento*; ou seja, à cultura e às artes em sentido lato.

Evolutivamente, o *Ser Humano*, em primeiro lugar, buscou sobreviver. Para isso, teve de haver *Cooperação* entre os elementos dos grupos primevos. Quando a mera sobrevivência física estava já, mais ou menos, assegurada, a demanda homeostática passou para outro nível, onde a *Prevalência* e o *Florescimento* se tornaram, então, pedras de toque no percurso evolutivo da Humanidade.



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Em todo este processo de formação e solidificação da Mente Cultural é muito importante percebermos a relevância que os mecanismos de percepção desempenharam. Tudo se iniciou, por isso, na Senciência. Ou seja, não pode haver mente sem Sentimentos, e para que estes existam é necessário que os organismos sejam capazes de sentir e de, desse modo, se relacionarem e apreenderem o mundo em redor e o mundo interno. Assim, os Sentimentos são os parceiros diletos da Homeostasia. Eles são as sentinelas vigilantes do nosso bem-estar, do são equilíbrio dos nossos níveis homeostáticos.

Como se deduz, a Homeostasia Cultural, proposta por Damásio, assentou em dois componentes, que se foram complementando e caminhando a par e passo: a Evolução Genética e a Evolução Cultural. Portanto, à medida que a Humanidade foi sendo capaz de realizar tarefas e artefactos mais complexos, assistiu-se a um correspondente avanço biogenético, e vice-versa.

A Mente Cultural só pode emergir no seio de um grupo.<sup>3</sup> Os elementos que propulsionaram o seu desenvolvimento foram estes: a Competição, a Cooperação, a Emotividade Simples e a produção coletiva de instrumentos de defesa. Só no contexto de uma sociedade pode haver um efetivo Florescimento Cultural. Nesse sentido, o fio condutor que subjaz ao florescer da cultura é o Imperativo Homeostático Sociocultural. Existiu, portanto, ao longo do tempo, uma Seleção Cultural. As invenções e criações que não serviam à Homeostasia grupal foram sendo postas de parte e substituídas por outras. Portanto, há um evidente fio condutor ao longo do florescer da cultura, um Imperativo Homeostático Sociocultural. A invenção das Religiões e dos Códigos Morais deriva desse processo. De igual modo, as Artes e as Ciências emergiram para suprir necessidades homeostáticas comunitárias. A Ética defluiu igualmente daí.

Nesse processo de Seleção Cultural, os Sentimentos tiveram um papel determinante.<sup>4</sup> Foram os principais motivadores e monitores das produções culturais humanas:

Os fenómenos biológicos podem desencadear e moldar acontecimentos que se tornam fenómenos culturais (...) através da interação dos sentimentos e do raciocínio (...) A intervenção dos sentimentos não se limitou a um

3

Será exatamente assim? A esse propósito, recordo o caso das Crianças Selvagens, como Kaspar Hauser e Marie-Angelique Le Blanc que, tendo vivido sozinhas sem contacto com ninguém, inventaram brinquedos e uma Língua própria.

4

Para o neurocientista, a definição de Sentimentos está estreitamente ligada ao corpo, e às decorrentes sensações de bem estar e mal estar, e é a seguinte: "Sentimentos: são as experiências mentais que acompanham os vários estados da homeostasia do organismo, quer sejam primários (sentimentos homeostáticos como a fome e a sede) ou provocados pelas emoções (sentimentos emocionais como o medo, a raiva ou a alegria)" (DAMÁSIO, 2020, p. 114).



motivo inicial. Eles continuam com o papel de monitor do processo e continuaram a intervir no futuro de muitas invenções culturais, segundo as exigências da eterna negociação entre afeto e razão. (DAMÁSIO, 2017, p. 47)

### **b) O circuito interno da Consciência: sistema nervoso, sentidos e imagens**

Em termos orgânicos, porém, o grande salto evolutivo em direção à Mente cultural ocorreu quando surgiram seres vivos dotados com Sistema Nervoso. Esta foi a pedra angular para o emergir da Consciência, pois, possibilitou a criação de Imagens. Os organismos tornaram-se então capazes de produzir toda a sorte de Imagens, e não apenas as de índole visual. Os corpos passaram a auto-gerar imagens sonoras, odoríficas, verbais, tácteis e vestibulares. Através delas, criaram-se Mapas Imagéticos Internalizados de Objetos e Acontecimentos Internos e Externos. Passou a existir algo importantíssimo: um Cinema Interior com representações do mundo interior e exterior:

As representações produzidas por esta trama de atividades nervosas, os mapas, são afinal o conteúdo daquilo que experienciamos como imagens nas nossas mentes. Os mapas de cada modalidade sensorial são a base da integração que torna possível as imagens, e estas à medida que fluem no tempo, são os componentes das mentes. Na história da existência dos organismos vivos complexos, a presença de imagens constitui um passo transformador (...) As culturas humanas não teriam surgido sem esse passo transformador, sem esta transição espetacular. (DAMÁSIO, 2017, p. 112).

A esse propósito adite-se que o Sistema Nervoso opera e mapeia em duas grandes regiões: no Introjacente (ou Circunjacente Interno), que está localizado no mundo Visceral que o rodeia, o, assim designado, Mundo Antigo; e no Circunjacente, ligado aos músculos e a parte do esqueleto, o chamado Mundo Não Tão Antigo.

Em todo este processo, que tem um fundo narrativo bem visível (as Imagens Internalizadas narram ocorrências, objetos e acontecimentos) os



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Portais Sensoriais desempenharam um importante papel. Funcionaram, se quisermos, como Câmaras e Microfones, registando o Mundo Externo e Interno. Essencialmente, dizem respeito à orgânica dos Sentidos. Existem dois tipos de Sentidos: os Sentidos de Contacto, que permitem uma experiência direta ou quase direta com os objetos e acontecimentos, caso do tato, e os Telessentidos, que têm a ver com um perceber a distância, como a audição, o olfato e a visão.

Nunca deveremos esquecer, no entanto, que a relação que o Sistema Nervoso estabelece com o corpo é holística e simbiótica, pois, ele está imerso nele. É uma interligação de bonding, de entrelaçamento.

Existem dois coadjuvantes importantíssimos do Sistema Nervoso Central, que são igualmente centros de irradiação imagético-sentimental: o Sistema Nervoso Periférico e o Sistema Entérico (relacionado com os intestinos). Assim, com base em toda esta Maquinaria Orgânico-Cinemática, os organismos podem obter Imagens de si mesmos, dos seus dois mundos internos. A acompanhá-las, dando-lhes sentido e coerência, categorizando-as, emergiram os Sentimentos.

As Imagens que, encadeadas, irão formar o nosso filme mental, advêm de três fontes: do Circunjacente Externo e dos dois Mundos Interiores. Os Portais Sensoriais encarregam-se de fornecer as da exterioridade; o Mundo Interior Antigo providencia-nos com as do mundo visceral, na forma de Sentimentos, e o Mundo Interior Antigo dá-nos os Sentimentos Adicionais. Então, as Imagens são usadas pela Mente para nos contar histórias. Há vários mecanismos neuronais de integração narrativa da imagética interna. Um dos mais importantes, estudado por Damásio e pela sua equipa, chama-se Default Mode Network (Cf. DAMÁSIO; KAPLAN, et al, 2017). Este proporciona que as Imagens se tornem narrativas, sequenciais.

Neste complexo processo, a Memória é de tal modo importante que Damásio a considera uma ferramenta nodal do trabalho artístico-criativo. Ela está interligada às Imagens. Estas podem ser played back, podem voltar a estar presentes em nós. A memória procede a um remix imagético. Portanto, a Rememoração só é possível por causa das Imagens e dos Sentimentos que as acompanham. A Memória permite, assim, recriar Sentimentos antigos, recordados, e gerar novos: por vezes, sobre outros que ela presentificou.



Por sua vez, o Raciocínio também concorre para este processo. Além de utilizar as Imagens para tomar decisões, coadjuva a Memória, fazendo uma triagem do material imagético-sentimental. Assim, as Imagens Recordadas, podem ser conjugadas com as Imagens do Presente, e, através de projeções baseadas em ambas, podemos criar Imagens do Porvir, podemos imaginar o futuro.

Para que, finalmente, possa emergir a Consciência é necessário que haja a Integração das Experiência e a interdecorrente Subjetividade. Ou seja, é necessário que se perspetivem as Imagens e os Sentimentos, que eles sejam devidamente situados em nós, arquivados. A Consciência baseia-se em Imagens Multissensoriais e metonimiza-se num Filme Interno Contínuo, acompanhado por uma faixa verbal, uma tradução em palavras das imagens. O modo como isto é feito é subjetivo e privado. Quando nos apropriamos, de modo pessoalizado, das Imagens, emerge a Consciência. Temos, deste modo, um Arquivo de Imagens e Sentimentos, uma mediateca interna, à qual recorreremos constantemente.

No processo de filtramos, catalogarmos e arquivarmos determinados Sentimentos e Imagens Experienciadas, acabamos por criar novas, as designadas Imagens Espelho. Ora, este circuito de geração de imagens sobre imagens tem a ver com a Autoperspetivação. Ao criarmos essas Novas Imagens, geramos, em simultâneo, novos Sentimentos. E vamos, assim, expandindo e aperfeiçoando o nosso Acervo Interno de Sentimentos. Existe, portanto, uma feelingness em tudo o que fazemos, à qual podemos sempre recorrer de modo criativo.

### **c) Elementos criativo-artísticos presentes na emergência da Consciência: narrativa, remisturas mnemônicas e remix interno**

Como temos vindo a analisar, a Consciência configura uma espécie de Espetáculo Multimédia do Eu. As Imagens são ordenadas narrativamente. Temos filmes dentro de filmes em nós. Os nossos pensamentos têm uma estrutura fílmica: estamos constantemente a contar histórias a nós próprios. Este Filme contínuo (ou Série) Mental ocorre em várias localizações do organismo de modo holístico.



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Essa narração, esse elemento auto-narrativo, ocorre do seguinte modo. A partir das imagens fornecidas pelo Circunjacente Interno, mais especificamente, pelas vísceras e pela circulação sanguínea que configuram os processos de química metabólica mais antigos, emergem os Sentimentos. Em contiguidade, com base nas imagens internas da estrutura esquelética e dos músculos, cria-se uma autorrepresentação literal do corpo e do seu lugar no mundo; aquilo a que Damásio chama “a representação envolvente de cada vida” (DAMÁSIO, 2017, p. 114). Dito de outro modo, nós narramos ininterruptamente a nós mesmos o que sucede no interior do nosso organismo e o que sucedia no seu exterior e que o afeta e ele capta.

O surgimento dos Sentimentos e a sua correlata autorrepresentação interna e externa alavancam a emergência do nível mais alto do Ser: a Consciência, cuja natureza é de índole narrativo-criativa. Como sublinha o neurocientista:

Com o decorrer da evolução neurobiológica, aduziu-se a esta rede interligada de imagens internas um elemento deveras importante: a narração. Era agora possível associar imagens de forma a que elas narrassem ao organismo acontecimentos que lhe eram tanto internos como externos. (DAMÁSIO, 2017, p. 114).

Para além das Imagens e dos respetivos Sentimentos associados a elas, há outros dois elementos concomitantes, sem os quais não é possível a criação de quaisquer narrativas, sólidas e consistentes, da Consciência: a Memória, à qual já aludi, e as Palavras. Sobre a importância destas últimas, o neurocientista faz a seguinte apreciação: “A incessante tradução em linguagem de toda e qualquer imagem que nos cruze a mente será, porventura, o modo mais espetacular de enriquecimento da mente” (DAMÁSIO, 2017, p. 135). Ou seja, as imagens e os sentimentos são traduzidos em linguagem e, para que tal faça completo sentido e não se perca no tempo, é necessário também o seu registo no suporte arquivístico da memória. No fundo, é isso que constitui o permanente solilóquio interior que vamos mantendo connosco próprios. E nele a Memória desempenha igualmente um papel fundamental: “A forma como criamos culturalmente e aquilo que criamos bem como o modo como reagimos aos fenómenos





culturais, dependem dos truques das nossas memórias imperfeitas, e da forma como os sentimentos as manipulam” (DAMÁSIO, 2017: 199).

Sobre isso, note-se que os Arquivos Internos da nossa memória são constantemente recriados, recolocados. As recordações são, por excelência, Recriação. Ou seja, recriamos sentimentos passados, invocando vivências antigas. Tal é feito narrativamente, através de montagens, reescritas e edições internas. A memória vive de constantes ajustes narrativo-criativos. Os mecanismos utilizados na escrita de um livro são, como se infere, similares aos que entram em ação na Rememoração.

Em suma, a Consciência coordena e liga narrativamente todas essas Imagens entre si, ligando diversos elementos, provenientes de várias partes, formando, deste modo, uma Cadeia de Pensamentos, que mais não é do que uma Narrativa Integrada. Assim, tal como um realizador de cinema, a mente corta e acrescenta, reescreve, edita e manipula as Imagens e as respetivas narrativas, num constante e permanente remix criativo:

aquilo que, de facto, distingue a memória humana é o ser capaz de criar uma memória, que pode ser recuperada, que pode ser «recalled» numa forma imagética – seja numa forma imagética sonora ou numa forma imagética visual. Grande parte do nosso mundo atual é dominado por memórias ou visuais ou auditivas. (...) É a possibilidade de recuperar Imagens e a possibilidade de manipular Imagens que são a fonte principal da execução criativa. E, aqui, metáforas do cinema ajudam muito porque, tanto no que diz respeito ao som, como no que diz respeito à arte visual, o que acontece é que as imagens podem ser cortadas aos bocados. Quando nós falamos de montagem é exatamente isso. É a possibilidade de agarrar numa imagem e de levar a imagem mais para a frente ou mais para trás, no caso numa imagem visual, e cortá-la aos bocados, juntá-la diferentemente no tempo. E é essa verdadeiramente a base fundamental da criação artística, quer seja a criação que acontece para o escritor, ou a criação do dramaturgo, do cineasta ou do compositor (que está, no fundo, a criar imagens que ocorrem no tempo, e que são ligadas numa forma muito gentil, muito «smooth», ou



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

duma forma muito shop!! (gesto de cortar). Tudo está, de facto, cortado aos bocados. Criatividade, memória e imaginação são capacidades interligadas, sem as quais não é possível conceber novos modelos, conceber novas realizações, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista das artes clássicas, ou da invenção filosófica: todas elas estão ligadas a essa imaginação. (DAMÁSIO, 2017a).

Segundo Damásio a criação é, na verdade, a recriação a partir das imagens do mundo externo e interno (o nosso organismo) e respetivos Sentimentos, com base na Senciência e na Rememoração.

Vejamos, de seguida, as teorizações de Amit Goswami.

**Teorizações goswamianas sobre a Consciência, em correlação com a criação cultural humana**

**a) Os pressupostos da Física Quântico na intersecção dos Estudos da Consciência**

O paradigma newtoniano, ainda maioritariamente dominante no mundo académico-científico, postula que tudo deriva da matéria e das suas interações; o mundo, ele próprio, é, se quisermos, um epifenómeno dela. Tudo o que existe, portanto, subsuma ante as apertadas, e supostamente invioláveis, regras do espaço e do tempo. De modo sucinto, é essa a visão do materialismo científico, que pode ser designada por Física Clássica ou newtonianismo. Infere-se, assim, que para os materialistas científicos a Consciência Humana é sempre o resultado das ações da matéria; ou seja, do cérebro.

Por sua vez, a Mecânica Quântica, que se dedica a estudar os fenómenos físicos a um nível super-microscópico – ou seja, estamos a falar de medidas, muitas vezes, menores do que os nanómetros – veio contestar essa perspetiva, pois, foram sendo observados eventos onde o paradoxal e a aleatoriedade parecem ter um papel fundamental. No centro de tudo, esteve (e está) a natureza das ocorrências ao nível atómico. Ao contrário da Física Clássica que pressupõe um razoável grau de estabilidade e de



separação categorial das entidades do mundo material, foi-se descobrindo que esse mundo nano, micro, que na verdade é o nosso, se rege amiúde por aparentes paradoxos.

Um objeto nano – um eletrão, por exemplo – ou é uma partícula ou uma onda, mas, segundo as estreitas categorizações da Física Clássica, nunca poderá ser ambas em simultâneo. Uma partícula é composta por um núcleo e tem elementos que giram em seu redor. Uma onda é o oposto: move-se, ao longo do espaço, com movimentos ondulantes. No entanto, na Física Quântica, descobriu-se que há elementos que se comportam, que são, simultaneamente onda e partícula. Este estranho fenómeno é designado por partícula-corpúsculo.

No mundo físico newtoniano, que todos habitamos, que é um mundo palpável, mensurável, com entidades e objetos que são uma só coisa e só podem ser essa coisa a interação é, como já referi, sempre feita através de sinais: sinais elétricos, ondas magnéticas, ondas sonoras, a luz, a química corporal, etc. Os sinais existem e movem-se no espaço e no tempo; por isso mesmo podem ser medidos. É deste modo que, à partida, se obtêm os resultados das experiências, medindo, numa dada circunscrição espaço-temporal, a interação sinalética de um determinado evento. Chamemos a este mundo: o Domínio Espaciotemporal. Um mundo, portanto, de sinais, de interação entre a matéria, um mundo probabilístico, calculável, altamente previsível, enformado pelo binómio tempo-espaço.

Numa experiência levada a cabo por Alain Aspect e sua equipa,<sup>5</sup> no entanto, descobriu-se algo que raia o impossível, mas que parece indesmentível, inegável, pois há múltiplas evidências científicas que o comprovam à saciedade, a começar pela fulgurante experiência aqui em causa: os objetos quânticos, e daí poderem ser partículas e ondas ao mesmo tempo, interagem, note-se, sem sinais. Interagem, portanto, fora do espaço e do tempo, fora deste mundo tal como o conhecemos. Logo, isso pressupõe a existência de uma realidade outra, na qual a comunicação entre entidades/objetos se dá sem a necessidade de sinais: ou seja, sem a necessidade do espaço e do tempo.<sup>6</sup> Assim sendo, por oposição ao que conhecemos, ao mundo palpável e visível, ao Domínio Espaciotemporal, vamos chamar-lhe, a estoutro fora do binómio tempo-espaço: Domínio da Potencialidade.

5

Em 1982, Alain Aspect e a sua equipa realizaram uma experiência de efeitos devastadores para a visão científica materialista (ASPECT et al, 1982, pp. 1804-1807). Nela, dois fótons, que são as partículas que compõem a luz e transportam a energia contida nas radiações eletromagnéticas, influenciaram-se a distância sem que tivesse havido, note-se, qualquer troca de sinais entre ambos, o que é algo que raia o impensável, pois, segundo a conceção científica materialista tem de haver relações sinaléticas (por exemplo, eletromagnéticas). Desta, insólita, mas incontestável, experiência deduz-se que os objetos quânticos não obedecem às leis do mundo físico, que é estruturado dentro do espaço e do tempo. Assim, a realidade não se limita a esta que conhecemos, pois há uma outra, com outra estruturação e outro tipo de leis e regências.

6

Isto é um dado cientificamente inegável. Ainda assim e apesar de ser cientificamente inatacável, a experiência de Alain Aspect gerou tanta polémica que vários cientistas, feridos na sua mundivisão, a questionaram. Mais tarde, e por serem dados que vieram colocar em causa todo o corpo da Física Clássica, construída ao longo dos séculos, houve necessidade de se fazerem outras experiências, no sentido de analisar a fiabilidade das conclusões de Aspect. Por exemplo, e entre outros, Weihs e Rowe conceberam outras experimentações e, para consternação de muitos cientistas, os resultados foram contundentes: Alain Aspect estava certíssimo.



Nesse mundo potencial, um objeto não é nem uma onda, nem uma partícula: é, antes de mais, uma possibilidade (ou poderá ser ambas ao mesmo tempo). Vamos chamar a esta condição Onda de Possibilidade. Só quando se manifesta neste mundo, no Domínio Espaciotemporal, regido pela materialidade, é que se torna, na verdade, uma coisa ou outra, uma partícula ou uma onda. A esta manifestação da potencialidade no Real Newtoniano, designa-se por Colapso da Onda de Possibilidades. Sobre isso, Goswami tece as seguintes considerações:

A física quântica é a física da possibilidade. As ondas da dualidade onda-partícula são ondas de possibilidade. Na visão de mundo quântica, a consciência escolhe, dentre as possibilidades quânticas, aquilo que experimentará na realidade manifestada. É assim que criamos a realidade, inclusive nós mesmos. Esse poder de escolha chama-se causalidade descendente. Para entender a ideia de possibilidade quântica, pense no comportamento do elétron quando é liberado com tamanha lentidão que fica praticamente em repouso no meio de uma sala imaginária. Na física newtoniana, o elétron ficaria para sempre no lugar onde foi liberado, caso você ignore a gravidade. Mas não é o que acontece na física quântica. Na física quântica, esse mesmo elétron se comporta como uma onda e se espalha. (...) Então, é fato que o elétron existe simultaneamente em vários lugares da sala? Sim. É isso que a matemática quântica nos diz. Entretanto, para compreender aquilo que estamos observando, também precisamos concluir que o elétron está em muitos lugares ao mesmo tempo apenas como possibilidade. E essa é a essência da física da possibilidade (GOSWAMI, 2020, pp. 28-29)

## b) A Consciência Humana como fenómeno central do universo

De algum modo, Amit Goswami tenta colmatar as questões epistemológicas que os dados da Física Quântica levantam, pondo no centro de tudo a Consciência Humana. Aventa a hipótese de que o universo, ele próprio, é feito de consciência, que é, na verdade, auto-consciente:<sup>7</sup>

7

Ele não é o único a ponderar estas questões. Outros físicos, como Fred Alan Wolf, também têm um pensamento paralelo.



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Ora, a própria física quântica nos diz o que a consciência deve ser para se evitar todos os paradoxos envolvidos. A consciência deve ser a base de toda a existência; a matéria consiste nas possibilidades da própria consciência. Como a consciência faz escolhas a partir de si mesma, essa afirmação evita o paradoxo básico do dualismo: como a consciência pode interagir com um objeto material sem sinal. A física quântica oferece uma resposta simples, mas radical: não há sinal. Logo, não existe a necessidade de propor uma interação entre objetos separados. O objeto e a consciência são um só. Quando você se comunica com si mesmo, não precisa de sinal. Essa comunicação sem sinal é chamada de comunicação através da não localidade quântica. (GOSWAMI, 2020, p. 31)

Em termos meramente teóricos, repare-se, muitos dos problemas, aparentemente insolúveis, que os fenômenos quânticos levantam, ficariam, assim, plenamente resolvidos. Neste âmbito, ele equivale o Domínio da Potencialidade à nossa própria consciência. Assim, nesse (não) espaço quântico, feito de Ondas de Possibilidade, onde tudo existe, precisamente, enquanto possibilidade, enquanto hipótese, a nossa consciência, escolhe que uma determinada dessas ondas colapse, ou seja, se manifeste na realidade, no Domínio Espaciotemporal. Este processo da passagem da Onda de Possibilidade à sua manifestação no Real Newtoniano, designa-se por Causação Descendente. Ao escolhermos a onda de possibilidade ela manifesta-se na realidade mais próxima e palpável; desce, portanto, do Domínio da Potencialidade para o Domínio da Realidade – daí a designação de Causação Descendente. Neste contexto, note-se, podemos considerar a realidade como um epifenómeno da consciência, que deriva dela, e não o oposto.

A natureza da consciência, segundo Goswami, é *sui generis*. Ela não é feita de matéria, pois no Domínio da Potencialidade que lhe corresponde, não há, em concreto, matéria, mas, sim, as várias possibilidades, das quais, através da Causação Descendente, ela se poderá efetivamente manifestar, concretizando-se. Portanto, em última instância, a matéria é Consciência Manifestada, projetada. Na verdade, o Domínio espaciotemporal da Realidade é a manifestação (materializada) do Domínio da Potencialidade



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

– este, se assim o quisermos denominar, não-local subjaz a tudo o que existe. Ele contém, não só tudo o que existe, mas também tudo o que poderia existir e não existe (ou melhor, não existe no domínio real, material, mas existe sempre enquanto possibilidade). Deste modo, aquilo a que chamamos realidade deve-se ao Colapso das Ondas de Possibilidade.

Em suma, a realidade é esta, mas poderia ser outra se a Causação Descendente tivesse tido outro sentido. Mas quem a determinou, quem a colapsou? A nossa própria consciência, no seu aspeto de Consciência Total. Em última análise, e por mais estranho que possa parecer, somos nós os criadores de tudo o que existe.

Nas teorizações goswamianas, a haver uma conceção de Deus, ela é muito particular, especiosa, pois, para ele, no âmbito filosófico quântico, nós somos Deus e Deus é nós. Não há destrição. Nós somos Consciência Manifestada. Somos causadores dos colapsos de onda que permitem que o Real – este Real palpável e não outro – se manifeste, logo somos cocriadores do universo. Existe uma só consciência, à qual nós estamos todos ligados (nós somos ela). A isso ele denomina por Consciência Total. A nossa consciência individual deriva dela. A nossa consciência individual é a Consciência Total individualizando-se.

A este propósito, saliente-se que as postulações de Amit Goswami são anti-duais, buscam o uno, o que implica a Paradoxalidade. Logo não há separação entre o divino e nós. E isto porque a separação, a cisão, apenas existe no Domínio da Realidade, e este é constituído apenas por matéria, mas não no Domínio da Potencialidade, donde tudo é dimanado.

Ressalte-se, porém, que as advocações de Goswami não refutam a existência do mundo material; apenas o enquadram de modo heteróclito. No Materialismo Científico, a matéria e as suas interações estão na base de tudo e até a própria consciência deriva dela., sendo considerada um epifenómeno da matéria. Ou seja, é o cérebro, matéria orgânica que origina algo da ordem do imaterial, do intangível: o pensamento. Ao invés, para Goswami a consciência e as suas ligações e derivas estão e são o fundamento de tudo. Esta é uma visão não dual, ao passo que a visão ainda reinante na academia é dualista, arreigada ao cartesianismo, separando a matéria da mente:



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

Assim sendo, a consciência não é um fenômeno do cérebro. Na visão quântica, a consciência é a base de toda a existência, e o cérebro é um fenômeno da consciência. Uma tendência muito comum é pensar na consciência como um objeto – um fenômeno do cérebro – que pode ser reduzido a partículas elementares de matéria (ver Figura 2). Mas a experiência consciente consiste sempre em dois polos: sujeito e objeto, experimentador e experimentado. Então, como o sujeito pode vir do cérebro se o cérebro é apenas um objeto feito de objetos menores até chegarmos às partículas elementares? A consciência é mais do que um objeto; ela também contém o sujeito. (GOSWAMI, 2020, p. 31)

Na mundivisão goswaminiana, não há uma clara separação entre mente e matéria; ambas são a mesma entidade epistemológica, em diferentes estádios de manifestação. A Mente corresponderá ao que atrás designamos por Consciência Manifestada, cuja natureza principal é o facto de produzir pensamento. Neste contexto, podemos interrogar-nos acerca do que é que medeia, afinal, a matéria e a Consciência Manifesta. A resposta é: a Consciência Total. Recordemos que no Plano da Realidade tudo se processa através de sinais (som, eletricidade, etc.), mas no Plano da Potencialidade as interações e comunicações são efetuadas no sem tempo e sem espaço da Não Localidade e do Intemporal; portanto, sem a necessidade de sinais. Dito de outro modo, sem a necessidade de quaisquer tipos de mediação. Repare-se: ao falarmos de Consciência Total, estamos a falar de uma entidade epistémica onde, na verdade, coexistem todos os espaços e todos os tempos (e também todas as consciências). Goswami faz as seguintes apreciações:

O poder causal da consciência – a causação pela escolha consciente que da potencialidade se manifesta em experiência – parece-se muito com a antiga ideia cristã da causação descendente por Deus. Mas isso não é totalmente verdadeiro, embora seja tão próximo que faz soar sinetas de alarme nas mentes enclausuradas dos materialistas. O importante é que a nova visão da causação descendente não material envolve a



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

comunicação não local, e não a comunicação por sinais. A comunicação local passa pela localidade para atingir lugares distantes, como quando nos comunicamos por meio de sons; o som é um sinal local. Quando nos comunicamos sem sinais, como na telepatia mental, temos algo não local. (...) Quando a consciência interage com o mundo, não requer sinais, apenas comunicação não local. (GOSWAMI, 2020, p. 15)

### c) Aserções da Criatividade Quântica

Do anteriormente exposto, podemos retirar uma série de ilações respeitantes à criatividade tout court. A primeira delas é a de que o próprio universo (e, portanto, a própria realidade) é criativo. Tal sucede porque, como já vimos, o universo não se distingue da Consciência; ele é Consciência Total. Portanto, daqui se deduz que a vida, ela própria, é um ato criativo. Mas esta assunção vai mais longe. Por exemplo, existe na história da evolução humana aquilo que se designa por Marcas pontuadas, que são buracos epistémicos, elos perdidos, em que não se consegue encontrar a ligação lógica entre um estágio de evolução humana e o seguinte.<sup>8</sup> Ora isso, segundo o darwinismo e o materialismo científicos, não faz sentido e os cientistas atreitos a estas correntes postulam que esses elos entre dois estádios evolutivos têm forçosamente de existir, pois a evolução perfaz-se de modo gradativo, lento, sem brusquidão. Para Goswami, no entanto, não existem esses elos; simplesmente, a própria natureza, por estar imbuída de Consciência, em certas alturas, deu Saltos Evolutivos de natureza Quânticos. Nesse sentido, ela é altamente criativa (Cf. GOSWAMI, 2020).

Voltemo-nos agora para a criatividade no sentido individual, artístico.

Nesse âmbito, Goswami preconiza algo semelhante aos referidos Saltos Evolutivos Quânticos. Ele assevera que: "A criatividade quântica não é um processo mecânico. Ela exige acesso à consciência superior" (GOSWAMI, 2020, p. 32). Como já vimos, no Domínio da Potencialidade existe a hipótese de colapsarmos as ondas de possibilidades, transportando-as, concretizando-as, depois, no Domínio da Realidade. Ora, o físico teórico advoga que, como estamos limitados pelo próprio ego e

8

Por exemplo, ainda não se encontrou uma explicação, dentro do âmbito evolucionista darwinista, que consiga explicar, de modo satisfatório, o surgimento da linguagem nos hominídeos, nem também porque é que os homens Cro-Magnon, sem que nada o fizesse prever, há cerca de 40 000 anos, se tornaram artistas criando as pinturas e esculturas rupestres.





Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

pelos correspondentes hábitos de pensamento enraizados, raramente nos permitimos pensar de modo original e novo. No entanto, podemos transcender a carapaça egótica, e utilizá-la, sob a coordenação do que o físico teórico denomina por Eu Quântico:

The classical ego mode, associated with our continuous, conditioned, and predictable behavior, augments our creative ideas and meanings with representations and learned contexts for expression. It enables us to develop and manipulate creative ideas and meanings into full-blown forms, and enjoys the fruits of our accomplishments. The quantum self is the experiencer of our intuitive insights into new meanings and new contexts, of the flashes of imagination that cannot be directly derived from prior learning. The ego and the quantum self are co-creators. There is a flow in the act of creation where writers, artists, athletes, musicians, even an occasional scientist, lose themselves, so thoroughly engaged are they with their acts. This blurring of the subject-object distinction could only indicate that in the creative flow the creator continually falls into the tangled hierarchy of the quantum self. The ego still operates in its manifesting capacity, but only in a secondary role. (GOSWAMI, 2014, sem n.º de pág.)

Para que se compreenda melhor o processo criativo na perspectiva gowaminiana, temos de recorrer a um conceito freudiano sobejamente conhecido: o Inconsciente. Portanto, este processo de escolha/colapso de onda tem lugar no nosso Inconsciente: é lá que as múltiplas vagas de possibilidade se vão processando e de lá também as colapsamos. Sucede, porém, que usualmente, como não estamos alertas para este processo, escolhemos invariavelmente colapsar ondas semelhantes, continuando a pensar de modo padronizado, repetido. Goswami chama a isto, a este conjunto de ondas similares, Continuidade. Atente-se nas suas explicitações:

Our creative ideas are the results of the creative play of consciousness, which is the only real play there is in a quantum universe. However, the shadows (memories) of these creative ideas in our mind-brain complex give rise



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

to conditioning, a tendency for homeostatic repetition. Conditioning sets us in a seductive shadow play, making the world appear to be a play of dichotomies: creativity and conditioning, good and evil, consciousness and matter, activism and non-doing, and so forth. To be creative is also to penetrate this oppositional camouflage and develop the ability to integrate the dichotomies. (GOSWAMI, 2011, sem n.º de pgs.)

Para ele, a criatividade acontece quando, conseguimos transcender o ego (os nossos hábitos de pensamento condicionados) e, entre as múltiplas vagas possíveis, escolhemos colapsar aquela que é, de facto, nova e única. A isto chama-se Descontinuidade. E é aqui que surge a originalidade: "O insight criativo descontínuo resulta do colapso quântico descontínuo de novas facetas de possibilidade em realidade. Nós transformamos possibilidade em realidade pelo reconhecimento" (GOSWAMI, 2015, sem n.º de pgs.).

As ondas de possibilidade usuais, adstritas aos hábitos de pensamento egóico, são perceptíveis naquilo que podemos designar por Corrente da Consciência (stream-of-consciousness), constituindo, de algum modo, o soliloquio que temos quotidianamente connosco próprios. Para Goswami, a criatividade é a quebra desse ciclo, a percepção súbita, auto-epifânica, de que há outras ondas novas nunca antes colapsadas. para além. Portanto, os momentos de criatividade fogem desse continuum; irrompem, inusitadamente, de surpresa, de um momento para o outro. Ou seja, são descontínuos; são Saltos Evolutivos Quânticos. São os chamados, vulgarmente, Momentos Eureka.

Goswami, neste seu entendimento do processo criativo, põe a tônica também no sujeito que os experimenta. E postula que o Self que emerge, que experiencia, essa descontinuidade criativa é um Self diferenciado do que usualmente o sujeito sente. Não é egóico; é cósmico, pois percebe de modo íntimo a sua ligação à Consciência Total. A pessoa sente-se, de algum modo, quase fora de si, despersonalizada, sentindo todo este processo com uma grande intensidade e uma grande sensação de autorrealização. O físico denomina-o de Eu Quântico (Quantic Self). Não há nele a relação de dependência quase hierárquica do pensamento convencional no



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

qual existimos nós e os nossos pensamentos. Nos processos correlatos à criatividade e, logo ao Eu Quântico, não há separação, nem hierarquias de nenhuma espécie. Há, antes, unidade, entrelaçamento: o Eu não se distingue do seu pensamento. Ambos estão imersos um no outro. Aqui o artista não se distingue da sua obra.

Para terminar este ponto, chamo a atenção que, no contexto do que tenho vindo a analisar, todas as pessoas são potencialmente criativas, pois todas podem, num dado momento, eventualmente, experienciar a Descontinuidade Criativa.

**Consciência e criatividade: questões, considerações, hipóteses, pontes epistémicas**

Ao longo deste artigo, expus analiticamente duas visões, aparentemente opostas, sobre a consciência. Por um lado, em Damásio temos consignada uma embodied consciousness, arreigada numa visão darwinista, próxima do materialismo científico. Para ele, os fenómenos conscienciais têm a sua origem no corpo; o mental inscreve-se e deriva do organismo. Para o neurocientista, a consciência está espalhada por todo o corpo e emerge na sua íntima interação com o organismo. De algum modo, podemos dizer que há uma cinematografia interna pela qual se inscreve e perpassa a consciência. Nesta sua asserção, um dos elementos a destacar é, sem dúvida, o facto de, nesse processo, estarem envolvidas operações eminentemente artísticas, criativa. Nesse sentido, podemos até afirmar que há uma narratologia da consciência corpo.

Porém, à teorização damasiana sobejam alguns vazios epistemológicos de monta, a começar pela não inclusão e entrosamento do Inconsciente na sua análise. E, em bom rigor, as suas explicações não resolvem aquilo que os neurofilósofos designam como o hard-problem; ou seja, o inexplicável facto de algo orgânico-material (o cérebro) dar origem a algo intangível, inefável: o pensamento.

Por sua vez, Amit Goswami encontra-se no polo oposto, no lado de uma visão idealista, anti-materialista da consciência. Com base nos fenómenos paradoxais da Física Quântica, ele advoga que todo o universo



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

– ou seja, tudo – é consciência e que nós próprios somos cocriadoras da vida e do universo, propondo uma disembodied/ extended consciousness.

No fundo, esse seu modo de entendimento, na sua essência, não é novo. Desde a entrada de movimentos orientais e orientalizantes no Ocidente que pensamentos similares ao seu se tornaram amplamente visíveis, como é o caso dos movimentos new age. Contudo de modo algum ele poderá ser confundido com tal ordem de propostas. Porquê? Porque as suas ideias derivam de um pensamento científico sério e legítimo e ele aduz sempre experiências científicas para sustentar as suas advocações. Assim, as suas ideações sobre a consciência surgiram porque ele pretendia encontrar uma teoria unificadora que conseguisse explicar, e unir as pontas soltas, dos paradoxos da Física Quântica.

No entanto, ele não está isento de críticas. Se, por exemplo, ao nível da saúde, com a Medicina Integrativa e afins, algumas destas ideias parecem ter resultados práticos evidentes, já a outros níveis tal não sucede. Sabemos que, ao nível micro, o observador influencia a experiência – e este é um dos tais paradoxos da Física Quântica – no entanto, ao nível macro tal não sucede. Existem, e Goswami chama-nos a atenção para elas, experiências que, de algum modo, atestam a veracidade dos fenómenos telepáticos, mas podemos perguntar, em que medida, é que isso mudou o modo como comunicamos uns com os outros? Há, portanto, apesar da seriedade das suas propostas e do cabedal teórico que as enforma, uma visão quiçá demasiado idealista, por vezes, raiando quase a ingenuidade, como sucede com o que denomina por Economia Quântica (Cf. GOSWAMI, 2015a).

Ante estas duas visões antagónicas, aparentemente inconciliáveis, a minha questão principal é esta: serão ambas, de facto, excludentes? E se, apesar de estarem em campos opostos, ambas estiverem certas? Por outras palavras, não será viável um Paradigma Científico, simultaneamente, materialista e idealista?

Se analisarmos a criação artística é nítido que ambas as visões são válidas e se complementam. Na senda das propostas damasianas, o artista, o criador, cria a partir do seu corpo e dos arquivos da sua consciência, em paralelo com a sua memória e com os seus sentimentos homeostáticos, mas, concomitantemente, tal como propões Goswami, há também criação



Amit Goswami e Antônio Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

ex nihilo, com os seus inesperados Momentos Eureka e a percepção intensa de um Eu Quântico. Este breve quadro que acabei de descrever parece-me evidente e aplicável a inúmeros artistas e parece-me uma linha de pesquisa futura que poderá ser muito produtiva. Talvez o estudo destas duas visões in loco, em estudos de caso, possa fazer luz sobre os processos íntimos da criação artística que, em grande medida, permanecem ignotos.

Seria, assim, no meu entender, assaz profícuo que se pudessem estudar, por um lado, numa perspetiva mais afim com a visão damasiana, os correlatos neuronais que envolvem a criação artística (por exemplo, com estudos imagiológicos do córtex dos artistas durante o processo criativo). Por outro lado, e concomitantemente, a análise e dilucidação, de um ponto de vista mais conexo a Goswami, de alguma da paradoxal fenomenologia ligada à criação artística. Nesta última categoria cabem, por exemplo, as obras que alguns artistas dizem que lhes “apareceram” e os processos conscienciais que lhes subjazem. Por exemplo, recentemente, Jack White, conhecido caudator pop-rock, a propósito do lançamento de dois álbuns musicais seus em simultâneo, afirmou, em várias entrevistas para publicações dedicadas à música, que essas canções lhe surgiram em catadupa, de supetão, o que se compagina com os Saltos Quânticos, propostos por Goswami. Na mesma senda, também a correlação entre sonho e criação artística poderia ser estudada de modo pertinente. São vários os artistas, e de várias áreas, que relevam essa correlação. Por exemplo, Paul McCartney afirma que a melodia de “Yesterday” lhe surgiu num sonho. O papel do uso de drogas como instigadoras da criação seria outra linha a investigar (as drogas psicadélicas e os mundos nelas descritos são análogos à visão quântica de Goswami).

Claro que estudos desta natureza são difíceis de concretizar e deparam-se com vários obstáculos. Não é fácil criar um laboratório que simule as condições espaciais (e outras) que os artistas têm nos seus próprios espaços de criação (ateliers e outros), além disso, os próprios artistas não se mostram muito interessados em participar nesse género de estudos, pois acham que eles feririam o “mistério da criação”. E as próprias universidades, um pouco por todo o mundo, parecem estar muito mais interessadas em investir em estudos capazes de produzir tecnologia e instrumentos práticos do que em apostarem no estudo das questões fundamentais da ciência, que,



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

na verdade, é o que está aqui em causa. Os autores e as perspetivas, aqui focadas, poderiam perfeitamente servir como referente teórico a estudos desse tipo, e, como tenho reiterado, devemos olhar para essas duas visões não como antagónicas, mas, sim, como complementares.

## BIBLIOGRAFIA

ASPECT, A., DALIBARD, J. & ROGER, G. . "Experimental test of Bell inequalities using timevarying analyzers". Physical Review Letters, v. 49, p. 1804-1807. 1982.

GOSWAMI, A. . O Universo Autoconsciente: Como a Consciência Cria o Mundo Material. (com Richard E. Reed e Maggie Goswami). Trad. de Ruy Jungmann. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos. 1998.

\_\_\_\_ How Quantum Activism Can Save The Civilization: A Few People Can Change Human Evolution. Charlottesville: Hampton Roads, publishing Company. 2011.

\_\_\_\_ Quantum Creativity: Think Quantum, Be Creative. California, London: Hay House, Inc. 2014.

\_\_\_\_ Criatividade para o Século XXI: Uma Visão Quântica para a Expansão do Potencial Criativo. Trad. de Saulo Krieger. 2.ª Edição. São Paulo: Goya. 2015.

\_\_\_\_ Quantum Economics: Unleashing the Power of an Economics of Consciousness. EUA: Rainbow Ridge Books, 2015a.

\_\_\_\_ Consciência Quântica. Trad. de Francisco Silva Pereira. 2.ª ed. Lisboa: A Alma dos Livros. 2020.

DAMÁSIO, A. O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano. Adaptado para a Língua Portuguesa por António Damásio. Lisboa: Temas & Debates/ Círculo de Leitores. 2011.

\_\_\_\_ A Estranha Ordem das Coisas: a Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas. Trad. de Luís Oliveira Santos/João Quina Edições. 1.ª edição. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores. 2017.



Amit Goswami e António Damásio: duas visões divergentes  
sobre a consciência e a sua correlação com a  
fenomenologia da criação artística  
Luís Carlos S. Branco

\_\_\_\_ “Entrevista a António Damásio para as Fronteiras do Pensamento”.  
Fronteiras do Pensamento. 2017a. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Slj3hOMaIIM>

\_\_\_\_ Sentir & Saber. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores. 2020.

DAMÁSIO, A.; KAPLAN, J.; MAN, K. “Decoding the neural representation of  
story meanings across languages”. Human Brain Mapping, September, pp.  
1-11. 2017. Disponível em:

[http://morteza-dehghani.net/wp-content/uploads/Dehghani\\_et\\_al-2017-  
Human\\_Brain\\_Mapping.pdf](http://morteza-dehghani.net/wp-content/uploads/Dehghani_et_al-2017-Human_Brain_Mapping.pdf)